

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

# Contratação sem concurso

*Garis só conseguem emprego se entrarem em uma das associações, que funcionam como intermediárias de mão de obra*

Ana Maria Campos  
e Samanta Sallum  
Da equipe do Correio

**P**or meio dos convênios de parceria popular, o Salub empregou cerca de 4 mil garis desde 1996 sem concurso público. Pessoas que tiveram de se filiar às associações para conseguir emprego. Com salário em torno de R\$ 250, um gari contratado pelas associações custa quase três vezes menos do que os servidores do quadro do Salub, que ainda têm direito a outros benefícios como tíquete-alimentação.

As associações servem para intermediar mão-de-obra para o Salub, o que não fazem de graça. Recebem 4% do valor total da folha de pagamento a título de taxa de administração e ainda cobram de cada filiado, na verdade, funcionário da associação, taxa de contribuição associativa. Para a Procuradoria do Trabalho essas cobranças são irregulares, como também a contratação sem o concurso público.

Em 1996, o Sindicato dos Condutores de Tração Animal (Sindicar) tinha apenas 250 associados. Graças ao convênio com o então SLU, em 1998 chegou a mais de mil e hoje assina a carteira de 1.300 garis. No início, o sindicato reunia apenas carroceiros. Hoje eles são minoria. Não passam de 300.

Testemunhas contaram ao Correio e ao Ministério Público, em depoimentos reservados, que os empregados das associações foram encaminhados pelo Salub com a determinação de contratação e que eles se associavam apenas para conseguir o emprego.

## TRÊS CONTAS

No caso da Associação dos Moradores da Granja do Torto, dos 950 funcionários contratados, apenas 14 fazem parte da

comunidade, como admite o próprio presidente da entidade. Em maio de 1999, ela tinha 460 empregados, hoje tem 950 trabalhando para o Salub.

As testemunhas revelaram também que há um ano, ao assumir o cargo, o diretor geral do Salub (então SLU), Luiz Flores, em reunião geral com todos os presidentes de associações de carroceiros, determinou que as contas correntes de todas elas fossem transferidas para a agência nº 59, do Banco de Brasília (BRB), no Setor de Rádio e TV Sul.

Em dezembro do ano passado, o Salub começou a promover empréstimos de dinheiro entre as próprias associações. Documentos aos quais o Correio teve acesso mostram que o BRB, a pedido do Salub, passou automaticamente a transferir os valores da conta da Associação dos Carroceiros de Sobradinho para as contas da Associação de Moradores da Granja do Torto e da Associação dos Carroceiros de Planaltina. As transferências chegaram a R\$ 236 mil.

O Salub justificou a retirada de dinheiro da Associação dos Carroceiros alegando que era para pagar direitos trabalhistas de garis empregados por outras associações.

Cada associação tem pelo menos três contas. Uma onde é depositada o dinheiro para o pagamento dos garis, uma conta-poupança para depósito de encargos sociais e outra onde é repassado o dinheiro da taxa de administração. Convocado pelo Ministério Público a prestar esclarecimentos sobre tais remanejamentos, o diretor do órgão

Luiz Flores, negou ter ingerência na contabilidade das entidades. Afirmou que a "movimentação das contas correntes e de poupança das associações é da alçada exclusiva dos seus respectivos presidentes".

Enquanto o volume de dinheiro consumido com os convênios vem aumentando, o grupo de associações beneficiadas está cada vez mais restrito. Em 1996, quando a parceria foi criada, 35 entidades prestavam serviço para o então SLU, hoje Salub. Juntas chegaram a consumir R\$ 1,9 milhão, por mês, no final de 1998. Destas, apenas cinco permanecem conveniadas ao Salub, mas dividindo agora um bolo bem mais gordo. Recebem juntas nada menos de que R\$ 4 milhões por mês.

Com a mudança de governo, em 1999, muitas associações não tiveram seus convênios renovados. Entretanto, a maioria dos garis contratados por elas foi poupança do desemprego. Era uma promessa de campanha do governador Joaquim Roriz manter a parceria. Os garis foram en-

tão demitidos das associações que perderam os convênios, mas tiveram a chance de serem reconcontrados. Com uma condição: de se filiarem às associações que a nova diretoria do Salub indicava.

Uma, em especial, foi privilegiada pelo Salub. A Associação de Moradores da Granja do Torto recebia em média apenas R\$ 4 mil por mês do Salub. Em menos de um ano, o valor pulou para R\$ 836 mil, como está registrado em documentos do próprio Salub, datados de setembro de 1999.

O aumento de verba se deu graças aos novos garis contratados que foram encaminhados pelo Salub. Eram 500 em 1998 e agora são quase mil. Resultado: a associação aumentou de quebra seu faturamento com a taxa de administração,

Ronaldo de Oliveira



Um gari das associações custa quase três vezes menos do que os servidores do quadro funcional do Salub

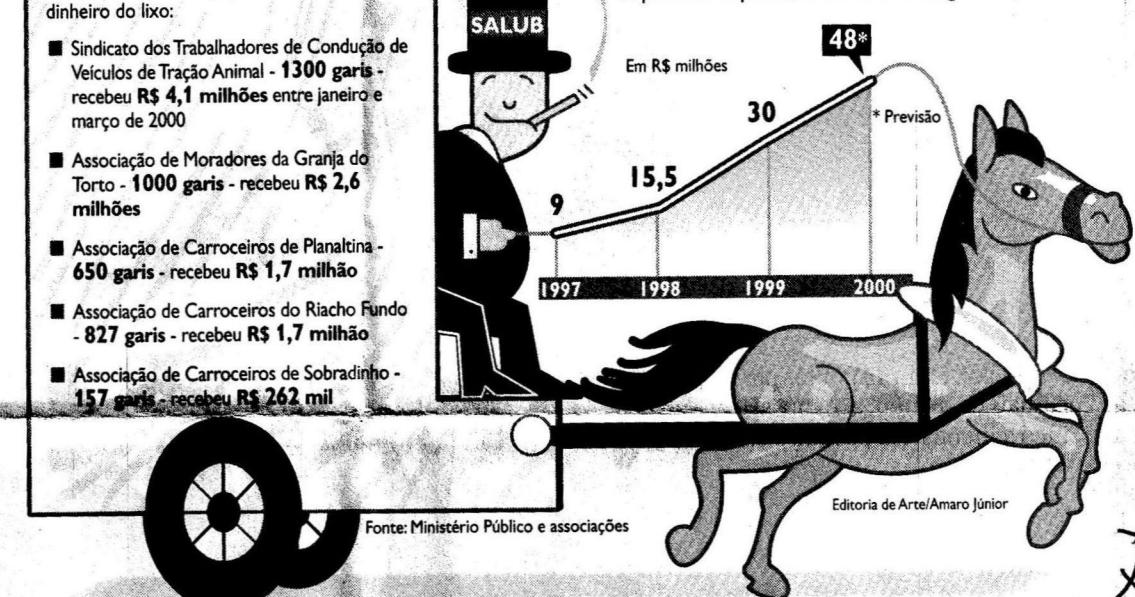
## COLETA DE LIXO

A estatal de limpeza urbana do DF está pagando milhares de reais a associações de carroceiros para o recolhimento de lixo. O Ministério Público quer investigar por que as cifras são tão altas. Veja a distribuição do dinheiro do lixo:

- Sindicato dos Trabalhadores de Condução de Veículos de Tração Animal - 1300 garis - recebeu R\$ 4,1 milhões entre janeiro e março de 2000
- Associação de Moradores da Granja do Torto - 1000 garis - recebeu R\$ 2,6 milhões
- Associação de Carroceiros de Planaltina - 650 garis - recebeu R\$ 1,7 milhão
- Associação de Carroceiros do Riacho Fundo - 827 garis - recebeu R\$ 1,7 milhão
- Associação de Carroceiros de Sobradinho - 157 garis - recebeu R\$ 262 mil

## Números galopantes

Evolução de gastos com convênios entre GDF e associações de carroceiros e moradores. Entre janeiro e março de 2000, foram repassados R\$ 10,3 milhões. A previsão é que até o fim do ano chegue a R\$ 48 milhões.



Fonte: Ministério Público e associações

Editoria de Arte/Amaro Júnior

# Muito dinheiro, pouca explicação

Enquanto o volume de dinheiro consumido com os convênios vem aumentando, o grupo de associações beneficiadas está cada vez mais restrito. Em 1996, quando a parceria foi criada, 35 entidades prestavam serviço para o então SLU, hoje Salub. Juntas chegaram a consumir R\$ 1,9 milhão, por mês, no final de 1998. Destas, apenas cinco permanecem conveniadas ao Salub, mas dividindo agora um bolo bem mais gordo. Recebem juntas nada menos de que R\$ 4 milhões por mês.

Com a mudança de governo, em 1999, muitas associações não tiveram seus convênios renovados. Entretanto, a maioria dos garis contratados por elas foi poupança do desemprego. Era uma promessa de campanha do governador Joaquim Roriz manter a parceria. Os garis foram en-

"NUNCA VI TANTO DINHEIRO. QUEM ADMINISTRA TUDO É O SALUB"

João Pereira dos Santos  
presidente da Associação de Moradores da Granja do Torto

que é de 4% sobre os gastos do convênio. O que dá cerca de R\$ 33 mil por mês.

A relação entre o presidente da associação, João Pereira dos Santos, 68 anos, e o governo local é bem estreita, o que lhe garantiu uma função de confiança no GDF. Pereira também é subadministrador regional da Granja do Torto desde julho do ano passado. Por sinal, a asso-

ciação e a subadministração funcionam no mesmo prédio.

A Associação dos Moradores da Granja do Torto só perde em repasses para o Sindicato dos Condutores de Veículos de Tração Animal (Sindicar). Esta, que começou em 1996, apenas com 30 pessoas, tem hoje 1.300 garis prestando serviço para o Salub. Recebe, em média, R\$ 1,3 milhão por mês. Mas sua folha de pagamento não passa de R\$ 500 mil por mês.

Os presidentes das associações preferem se esquivar do assunto e garantem desconhecer as elevadas cifras que constam na movimentação orçamentária do Salub, levantada pelo Ministério Público. O presidente da Associação de Moradores da Granja do Torto, João Pereira dos Santos, garante que não passam pela entidade valores

tão altos. Nem mesmo o dinheiro para pagar os funcionários contratados para prestar serviço ao Salub. "Nunca vi tanto dinheiro", afirma. "Não mexemos com esses altos valores. Recebemos apenas a taxa de administração que usamos para realizar trabalhos comunitários na Granja. Quem administra tudo é o Salub", conta.

O presidente do Sindicar, Olavo Teixeira Neto, reagiu da mesma forma. Disse estranhar os valores tão altos destinados ao convênio com a sua associação, que no ano passado chegaram a quase R\$ 13 milhões, sendo que em 1998 eram de R\$ 7,5 milhões e, em 1997, de R\$ 3,7 milhões. Em relação, aos contratos para aluguel de caminhões e equipamentos para a coleta de lixo, diz: "Tudo o que a gente faz é a manda do Salub". (AMC e SS)